

DEPOSITO LEGAL
-0.FEV. 1973

251

Propriedade
da Sociedade
Nacional
de Tipografia,
S. A. R. L.

Ilustração PORTUGUEZA

Redacção,
administração
e oficinas:
Rua de "O Seculo",
41 a 63 - Lisboa

Director interino: Manuel Figueira
Ano 67.º - Número 1038 - 13 de Janeiro de 1973



CENTENÁRIO DE JOSHUA BENOLIEL

TRÊS DÉCADAS DE HISTÓRIA NA OBJECTIVA DE UM FOTÓGRAFO

Último retrato de Joshua
Benoliel, criador da repor-
tagem fotográfica em Por-
tugal



A poucos anos da primeira guerra mundial, os principais chefes políticos da Europa afluíram à Corte portuguesa. O presidente Loubet, da França, veio em 1905. Ele-lo com a família real



Os últimos anos do reinado trágico de D. Carlos foram assinalados por sucessivas mudanças de governo e por uma crescente agitação das camadas populares. Na imagem, flagrante do assalto a um transporte público



Cumprem-se hoje 100 anos sobre o dia em que nasceu Joshua Benoliel, um rapaz do «Seculo», como lhe teriam chamado no Brasil, em 1908, ao acompanhar D. Carlos na viagem que já não se realizou, pois, entretanto, as balas dos rejeitados forçaram a mão da História.

As enciclopédias não costumam esbanjar es-

paço com os jornalistas, excepto (como allás já aconteceu) quando algum deles, ainda vivo, aproveita o acaso de poder cuidar da sua própria biografia como de um canteiro de brincos-de-princesa. Tal não sucedeu com Joshua Benoliel. Judeu-errante, precocemente queimado pelo sóis e gelos da notícia, caído na trincheira aos 59 anos

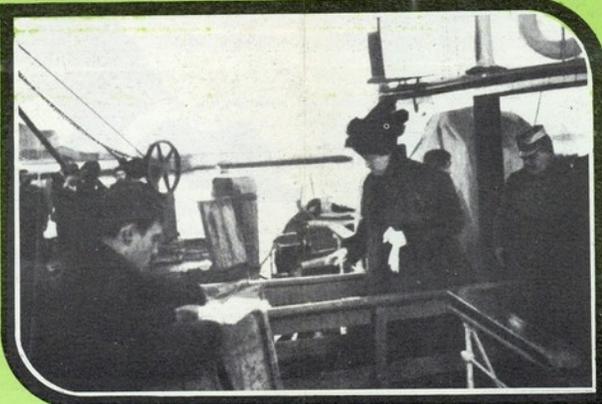


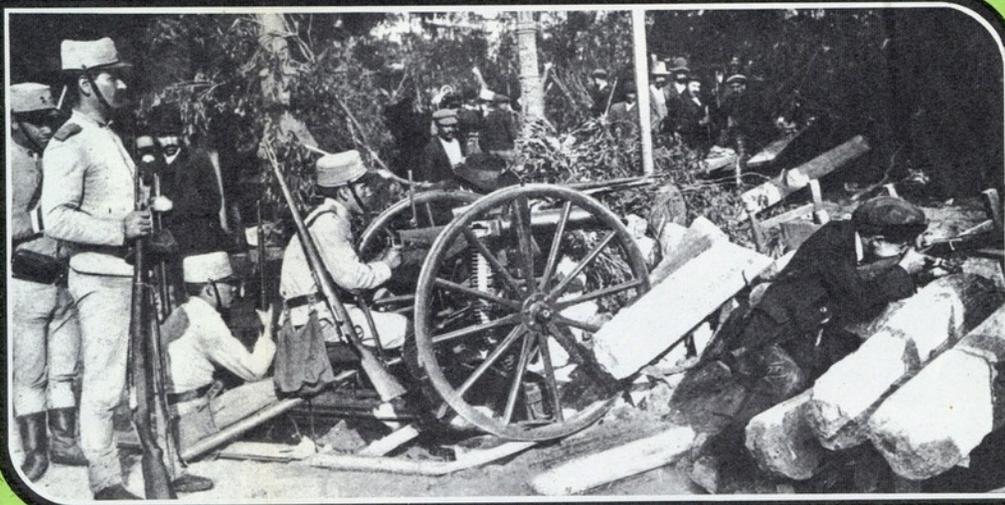
D. Afonso XIII, último soberano de Espanha, tinha, logicamente, um lugar à parte na Corte dos Braganças. As imagens figuram-no em duas caçadas na coutada de Vila Viçosa: numa, com D. Carlos (1903), na outra, com D. Manuel (1909)



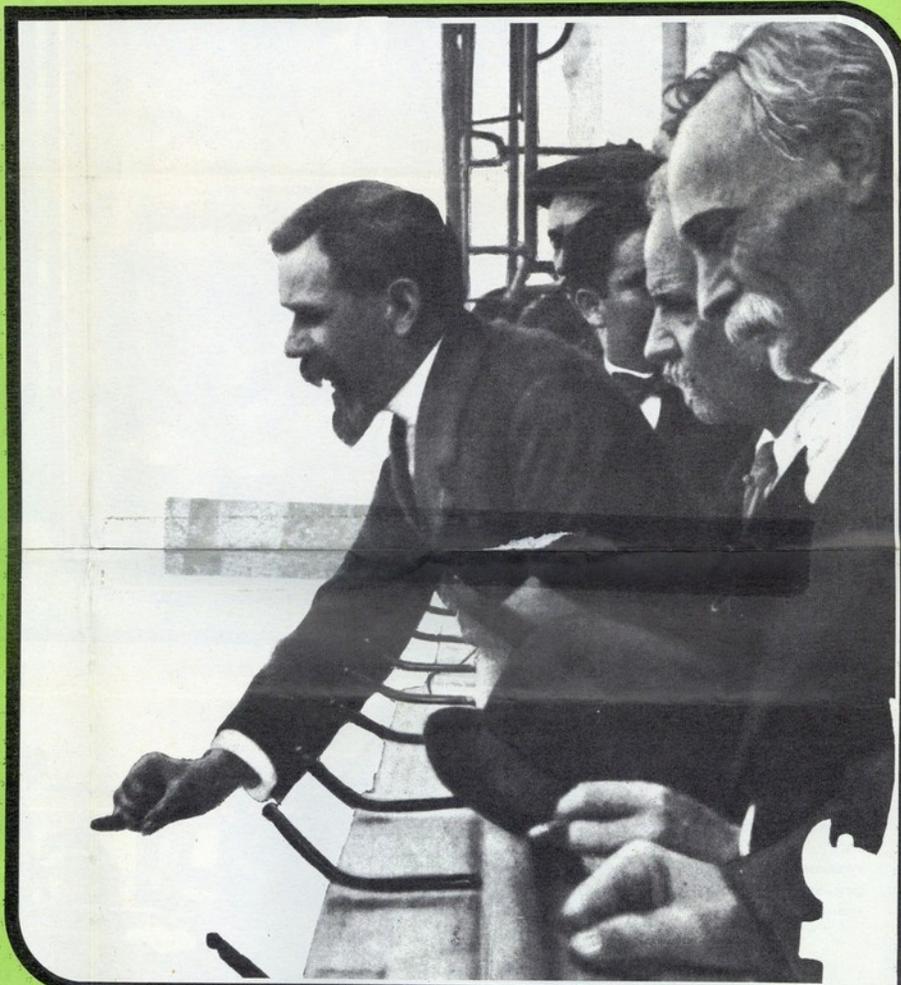
A poucos instantes da morte, D. Carlos, fotografado em Vila Viçosa, pouco antes da sua última caçada, em 1 de Fevereiro de 1908

(ah! o seu vulto grisalho a desvanecer-se, em passos miúdnhos, mas rápidos, na luz-escurecida do «Século» antigo!), legou apenas ao leilão a sua preciosa biblioteca amassada em sonhos e suores, e no «Século» depôs a família (porventura em satisfação de algum desejo outrora pressentido) — 30 mil clichés (serão mais? serão tantos?), remanescente de um fabuloso tesouro que se dispôs por aí — pela Câmara Municipal, pelo Automóvel Clube, pela Brasileira do Chiado...

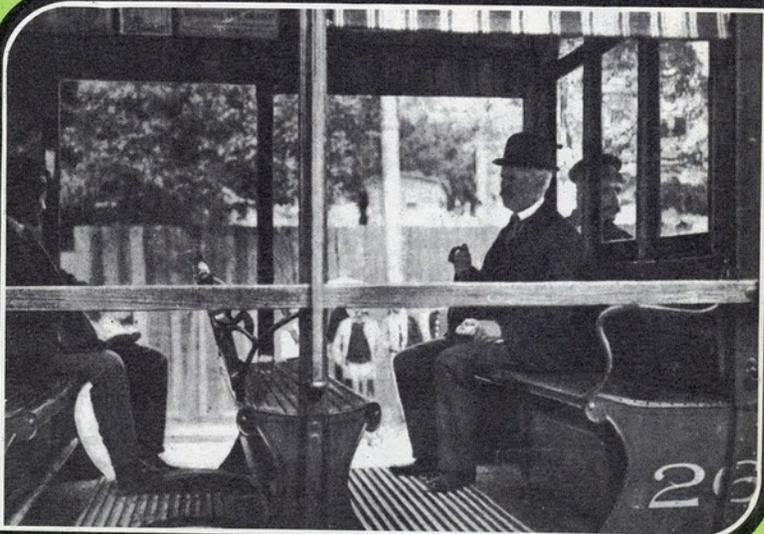




Uma das barricadas, no alto do Parque Eduardo VII, durante o movimento revolucionário que provocou a queda da monarquia (5 de Outubro de 1910)



Na varanda dos Paços do Concelho, em Lisboa, Eusébio Leão proclamando a República (5 de Outubro de 1910)



Teófilo Braga, presidente do Governo Provisório da República Portuguesa, era, a par de um sábio, um homem simples, um homem do povo... (Outubro de 1910)

Sucedeu a Teófilo Braga, na chefia do Estado, o dr. Manuel de Arriaga, açoriano da cidade da Horta, e que foi o primeiro Presidente eleito da República Portuguesa



Clichés de três décadas de Joshua Benoliel — criador da reportagem fotográfica em Portugal, e apenas isto lhe creditaram os panegristas de enciclopédia entre duas balizas de tempo: 1873, nascimento, óbito 1932.

O que nenhum escreve e, excepto a família, talvez até ninguém saiba nem queira saber (que importam, agora, semelhantes arqueologias se o homem já vai à Lua?), é que Joshua Benoliel, israelita de raça e de fé, descobria a cabeça para fotografar na rua uma procissão; monárquico, de alma e coração, nenhum outro, no *métier*, mais abnegada e lealmente serviu a República, retraindo-a; e, tendo nascido e morrido com estatuto

e privilégios de súbdito britânico, viveu em Portugal, amou Portugal, serviu Portugal como um grande patriota português que também era.

Numa conturbada época de paixões com inevitáveis desvarios, em que vinganças pessoais não foram imaginação ou calúnia de oposicionistas, Joshua Benoliel, aliás conhecido e respeitado, nos salões da Corte como nos coltos de conspiradores, apenas tomava a precaução de hastear a Union Jack na sua residência, a fim de proteger as vidas da esposa e dos filhos, enquanto ele, pela cidade fora, esbracejava na tormenta, carregando e descarregando a máquina — sua única e prodigiosa arma contra todos os riscos.



Isto (eremas) nunca foi impresso e pareceu-nos importante só-lo no primeiro centenário de Benoliel, precisamente nas colunas do «seu» «Seculo», o mesmíssimo onde perduram alguns dos seus antigos camaradas e onde se acalenta, hoje, poder-se em breve honrar-lhe tanto esforço, tanto prodígio, tamanha paixão, com um tributo à estatura da sua estatura humana e profissional.

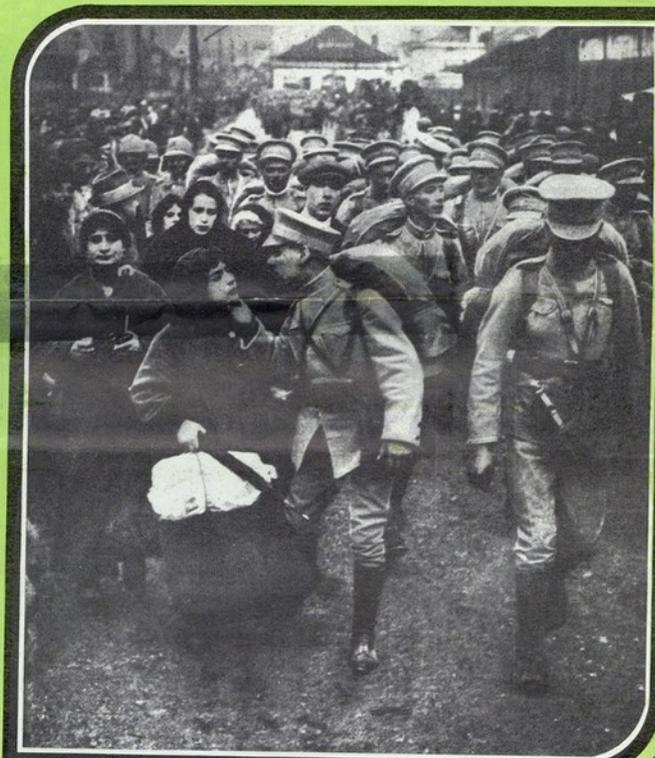
Nos primeiros anos do século XX, Portugal enfrentou sucessivas revoltas em África, e só a participação na guerra de 1914-18 assegurou por largo período a tranquilidade no Ultramar. A imagem mostra-nos João Franco, Presidente do Conselho, cumprimentando, em nome de D. Carlos, Alves Roçadas, herói do Cuamato (1907)

Durante a guerra de 1914-18, Joshua Benoliel despendeu um gigantesco esforço profissional que culminou com a visita do Presidente Bernardino Machado aos campos de batalha de Verdun. Nessa época, a «Illustração Portuguesa» publicou, em capa, inúmeros dos seus melhores clichés

Joshua Benoliel enjouou-se depressa de um cargo nas Alfândegas (episódio inédito até agora?) e fez-se fotógrafo. Com quem aprenderia essa arte nova que na época — a «belle époque» — se grafava duas vezes com «ph», como se o «alpha-beto» quisesse torná-la ainda mais «phantástica» e «mysteriosa»?

O certo é que, em 1906, quando a «Illustração Portuguesa» (com dois li, fundada três anos atrás) reduziu o formato erlado por Rocha Martins à ordem desse fogoso e genial J. J. da Silva Graça (quando o «sr. Graça» falava, de Paris, vestia-se a sobrecasaca para atender o «telephone...»), successor de Mgalhães Lima, e passou a ser dirigido por Carlos Maximiano Dias, surgiu no «Seculo» Joshua Benoliel — um rapaz magro, cheio de viveza, de colarinhos muito altos a esconderem-lhe o pescoço, que o tinha esgrouviado nesse tempo. Vestia bem. Falava inglês, francês e espanhol; aparecia ali, com um ar de quem não vinha por necessidade, tendo outras frechas no seu arco. Começara a fazer fotografia como amador. Dera-se-lhe com paixão. Carecia-se de que entre nós não existia, ainda: o repórter gráfico, o artista da objectiva capaz de todas as temeridades, de todas as audácias, de todos os movimentos hábeis e de não aparecer, depois de tudo isto, com as chapas estragadas».

Mas, sendo assim, como se transcreve de Rocha Martins, e Rocha Martins, seu amigo e companheiro de toda a vida, devia saber, quem então fotografou as andanças de D. Carlos, a vinda a Portugal de Eduardo VII, de Guilherme II, da rainha Alexandra, do presidente Loubet, do rei de Saxe, imagens extraordinárias da «Illustração» de antes de 1906, aliás iguais ou idênticas a ou-





Sidónio Pais lançou a sua revolução triunfante em Dezembro de 1917. Esta imagem mostra-o apresentando-se ao povo de Lisboa, na varanda do Município, em Maio de 1918. Logo em Novembro, foi o Armistício. Em Dezembro, assassinaram-no. Joshua Benoliel falhou a reportagem porque, poucos dias antes, deixara «O Seculo» por seis anos...



A paz, finalmente, pondo termo à primeira grande guerra mundial. O povo português explodiu em júbilo

tras do primeiro (e único) volume do «Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa (1903-1918)», de Joshua Benoliel? Ora, 1903 foi, precisamente, o ano do aparecimento da «Ilustração Portuguesa» do «Seculo», que já houvera outra do mesmo nome e de características semelhantes...

Fosse como fosse, só em 1906 (e todas as fontes o referem) Joshua Benoliel se tornou um homem do «Seculo» e aqui ficou até à véspera do assassinato de Sidónio Pais, em fins de 1918. Voltou seis anos mais tarde, quando a «Ilustração» já tinha acabado ou agonizava na mediocridade de que sofria desde o embarque para o Brasil de António Ferro, seu último grande obreiro. Porém, João Pereira da Rosa acolheu-o, de coração aberto, e Benoliel, na chefia do departamento fotográfico do jornal, pôde retomar aqui o seu apostolado de historiador pela imagem que, remontando a 1903, abrangeu os reinados de D. Carlos e D. Manuel (de ambos amigo pessoal), a transição de regimes, os consulados de Teófilo Braga, Manuel de Arriaga, Bernardino Machado e Sidónio Pais e, por último, de Gomes da Costa e Fragoso Carmona.

de Fer-
nos) de Fer-
a forjam,
das acenos displicentes
de Eduardo VII, Guilherme II ou Afonso XII, das
caçadas cano a cano com D. Carlos, dos serviços
privados ao último Bragança exilado (quando em
leilões lhe arrematava preciosidades bibliográficas,
por exemplo a 1.ª edição dos «Lusíadas», hoje
no Paço ducal de Vila Viçosa), foi o retratador andarilho,
qualificado e objectivo ao mesmo tempo
que poeta, genial e eclético da gente portuguesa
em movimento, no gozo, na dor, na revolta; a voar
no primeiro avião ou a correr na primeira bicicleta,
a morrer esbarrachado no terramoto de Be-
navente, torrado no fogo da Rua da Madalena ou
estralhaçado nas trincheiras da Flandres, a ven-
der peixe na beira do rio ou a cheirar uma flor, a
rasgar os joelhos na charneca primitiva da Cova
da Iria, a chacinar a família real no Terreiro
do Paço, a desfraldar a nova bandeira nas bar-
ricadas da Avenida e da Rotunda.

Frederico Alves

Distribuição gratuita
como suplemento
do n.º 32 591 de «O Seculo»
de 13-1-1973,
de cuja edição faz parte,
não podendo
ser vendido separadamente



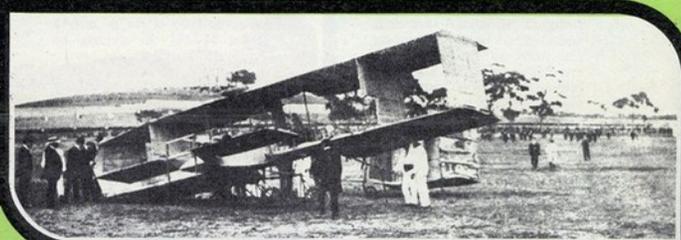
No mês de Outubro de 1917, o grande jornalista Avelino de Almeida (que era ateu) acreditou, junto do povo, os milagres de Fátima. O israelita Joshua Benoliel estava a seu lado. A fotografia dos três pastorinhos é uma das mais célebres da sua prodigiosa carreira



O terramoto de Benavente (Abril de 1909) foi o mais devastador e mortífero em Portugal desde 1755



1910: um louco atacou o dr. Miguel Bombarda. Benoliel fixou, à entrada do bloco operatório, o célebre médico que pouco depois morreu



1909: do Hipódromo de Belém ergueu-se um avião, pela primeira vez, em Portugal. Descolou bem, voou bem a distância de 180 metros, a 8 de altura. «Causou agradável impressão.» Depois, caiu. O avião (estrangeiro) chamava-se Armand Zipfel



Joshua Benoliel, apaixonado dos desportos, dos «sports», como se dizia, bateu milhares e milhares de chapas fixando fases de todas as modalidades. Aqui, em 1907, defrontam-se em futebol os grupos da canhoneira «Tejo» e do Sport do Arsenal

«Ginkana» (escrevia-se, então) de automóveis, em Cascais, no ano de 1907

